

DA 'CASA VAZIA' DE PHILIPPE LEJEUNE AO NEOLOGISMO DE SERGE DOUBROVSKY: OS PRIMÓRDIOS DO CONCEITO DA AUTOFICÇÃO NO SÉCULO XX

Andrea Czarnobay Perrot (Professora Associada na UFPEL)

RESUMO

O termo “autoficção” surge, primeiramente na crítica literária francesa, somente na década de 1970 do século XX. Isso não significa, porém, que obras escritas anteriormente não possam ser assim nomeadas. Quando surge, em meio ao diálogo entre dois teóricos franceses, Philippe Lejeune (o qual estabelece a teoria da autobiografia, gênero do qual se origina a autoficção) e Serge Doubrovsky, designa não um novo gênero literário, como mais tarde veio a se firmar, mas como uma maneira de nomear uma literatura inovadora, como a escrita por Doubrovsky. Este trabalho visa apontar, nos escritos desses dois precursores da teoria sobre a autoficção (e também nos de autores que com eles dialogam), as características primordiais do gênero autoficcional.

Palavras-chave: Autoficção. Teoria. Século XX. Philippe Lejeune. Serge Doubrovsky.

ABSTRACT

The term "autofiction" arises, first in French literary criticism, only in the 1970s of the twentieth century. This does not mean, however, that previously written works can not be so named. When he emerges amid the dialogue between two French theorists, Philippe Lejeune (which establishes the theory of autobiography, the genre from which autofiction originates) and Serge Doubrovsky, he designates not a new literary genre, as later came to be established, but as a new way of naming a 'new' literature, that writing by Doubrovsky. This paper aims at pointing out, in the writings of these two precursors of the theory about autofiction (and also those of authors who dialogue with them), the primordial characteristics of the autofictional genre.

Keywords: Autofiction. Theory. XXth Century. Philippe Lejeune. Serge Doubrovsky.

Conceituar autoficção, hoje, é questionar os limites entre fato e ficção, o que nos faz repensar o próprio conceito e a função da literatura. Conforme Philippe Gasparini, o debate em torno da autoficção, instaurado na contemporaneidade, remonta a questões fundamentais ao estudo da literatura desde a Antiguidade Clássica:

[...] a questão da autoficção tem o mérito de relançar e estimular a reflexão sobre os gêneros; simultaneamente, ela revigora um debate apaixonante, e apaixonado, sobre os limites da literatura. A teoria dos gêneros, os critérios de literariedade são as questões centrais propostas pela Poética desde Aristóteles. (GASPARINI, 2014, p. 183)

Gênero híbrido, situado entre a autobiografia e o romance, a autoficção foi primeiro definida pelo escritor e crítico francês Serge Doubrovsky, na tentativa de estabelecer o seu próprio projeto de escritura. Marco na trajetória dessa ‘nova’ forma narrativa, o protoconceito de autoficção aparece na quarta capa de seu romance *Fils*, de 1977, numa possível ‘resposta’ ao questionamento lançado por Philippe Lejeune em *O Pacto Autobiográfico*, ainda em 1975, que seria:

O herói de um romance declarado como tal poderia ter o mesmo nome que o autor? Nada impediria que a coisa existisse e seria talvez uma contradição interna da qual se poderia obter efeitos interessantes. Mas, na prática, nenhum exemplo me vem à mente. (LEJEUNE, 2014, p. 31)

Assim Doubrovsky (1977) ‘responde’ a Lejeune (1975), numa primeira tentativa de descrever o que o neologismo – autoficção –, à época, designava (vale ressaltar que, inicialmente, o termo nasce tão somente para nomear a prática narrativa de Doubrovsky, e não, para definir um novo gênero que se estabelecia):

Autobiografia? Não. Este é um privilégio reservado aos grandes desse mundo, ao fim de sua vida e em bom estilo. Ficção de eventos e de fatos estritamente reais; se quiser, *autoficção*, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, sem a sabedoria e sem a sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontros, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita pré ou pós literária, *concreta*, como se diz em música. Ou ainda, *autofricção*, pacientemente onanista, que espera

compartilhar seu prazer agora. (DOUBROVSKY, 1977, quarta capa, nossa tradução)¹

Em sua proposição, num primeiro momento Doubrovsky nega que seu *Fils*² seja uma autobiografia. Em seguida, une características básicas desta à palavra ‘ficção’: *ficção de eventos e de fatos estritamente reais*. Embora contraditória – e a contradição é mesmo fundamental nas diversas definições de autoficção que encontramos ao longo da trajetória do termo na crítica literária francesa, sobretudo –, é justamente tal união que abre espaço para a ambivalência e a ambiguidade características desta forma narrativa. Ambivalência e ambiguidade que, derivadas da junção dos termos *ficção* e *real*, caracterizam a hibridez da autoficção, pois ela mobiliza em sua construção fato e ficção, estabelecendo ao mesmo tempo os pactos autobiográfico e romanesco. (LEJEUNE, 2014)

Por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, sem a sabedoria e sem a sintaxe do romance, tradicional ou novo, mais um preceito do discurso autoficcional: Doubrovsky afirma que, em sua obra autoficcional, **ele confia sua história**, a ‘aventura’ de sua vida, ao trabalho com a linguagem, saindo dos moldes do romance, tradicional ou novo. Essa aventura da linguagem baseia-se na ocorrência de *encontros, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita pré ou pós literária*. Como explica Maxime Collins,

¹ Autobiographie ? Non, c’est un privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie, et dans un beau style. Fiction, d’événements et de faits strictement réels ; si l’on veut, *autofiction*, d’avoir confié le langage d’une aventure à l’aventure du langage, hors sagesse et hors syntaxe du roman, traditionnel ou nouveau. Rencontres, *fils* des mots, allitérations, assonances, dissonances, écriture d’avant ou d’après littérature, *concrète*, comme on dit musique. Ou encore, autofricción, patiemment onaniste, qui espère faire maintenant partager son plaisir.

² Sobre *Fils*, eis o que comenta Maxime Collins: “*Fils* é a narração de um dia da vida de um homem que sai de casa para falar de seus sonhos a um psicanalista. Após a sessão, o homem medita sobre a morte de sua mãe e vai a pé à Universidade de NY, onde deve preparar um curso sobre Racine que ele ministrará à noite. Nessa narrativa, Doubrovsky se serve da psicanálise para desenvolver um texto contemporâneo que joga com a superposição do entendido, do mal entendido, do erro, do mal dito e do desdito (COLLINS, 2010, p.13, nossa tradução). **Texto original:** *Fils* raconte une journée dans la vie d’un homme qui sort de chez lui pour aller parler de ses rêves chez son psychanalyste. Après la séance, l’homme médite sur le décès de sa mère en se rendant à pied à l’Université de New York où il doit préparer son cours sur Racine, qu’il donnera en soirée. À travers ce récit, il s’agit pour Doubrovsky de se servir de la psychanalyse pour développer un texte contemporain qui joue avec la superposition de l’entendu, du malentendu, de la bévée, du mal dit et du dédit.

“Dobrovsky inventa seus próprios códigos, sua própria linguagem e suas próprias teorias”.
(Collins, 2010, p. 13, nossa tradução)³

Mostrando o lado lúdico de sua definição (porque, como dito em outras ocasiões ao longo de sua carreira de escritor, o que ele realiza é uma prática de autoficção, e não, uma crítica ou teoria sobre), Dobrovsky finaliza o trecho da quarta capa de *Fils* de maneira pouco ortodoxa: *ou ainda, autofricção, pacientemente onanista, que espera compartilhar seu prazer agora*. O jogo de palavras faz parte da chamada ‘aventura da linguagem’, em todos os níveis da escritura.

Fica claro, nesta primeira tentativa de definir o que é a autoficção, que Dobrovsky coloca esta nova forma narrativa entre a autobiografia e o romance, advindo daí a hibridez do conceito, uma vez que ambos estão presentes numa formulação diferente das suas próprias tomadas individualmente. Simultaneidade é um termo-chave da autoficção.

Conforme Joël Zufferey,

Tal é o contexto da primeira aparição do termo ‘autoficção’. A fabricação da palavra-valise usa como procedimento a reunião de dois morfemas (auto-; -ficção) que vão justificar uma dupla recusa das categorias discursivas implicadas: recusa da ficção romanesca por oposição a ‘auto-’ e recusa da autobiografia por oposição a ‘-ficção’. A autoficção se distingue, por consequência, da autobiografia e do romance, ainda que conserve certos aspectos desses dois gêneros integrados em sua fórmula. (ZUFFEREY, 2012, nossa tradução)⁴

Philippe Lejeune já preconizara em seu trabalho *O Pacto Autobiográfico* que

Quanto à autobiografia, considerava-se que se explicava por si só, via-se nela apenas uma subcategoria do discurso histórico, e, além disso, era vista com certo desprezo, muitos consideravam que não era literatura e supunham que, ao se buscar a verdade, saía-se do campo da arte. (Entrevista com Philippe Lejeune. Revista *Ipotés*)

³ Dobrovsky invente ses propres codes, son propre langage et ses propres théories.

⁴ Tel est le contexte de première apparition du terme «autofiction». La fabrication du mot-valise procède par la réunion de deux morphèmes (auto-; fiction) que vient justifier un double refus des catégories discursives impliquées: refus de la fiction romanesque par opposition à «auto-», et de l'autobiographie par opposition à «-fiction». L'autofiction se distingue par conséquent de l'autobiographie et du roman, tout en conservant cependant certains aspects de ces deux genres que la formule tout de même intègre.

A autobiografia, então, precisava ‘ser inventada’ como forma artística. A autoficção vai surgir, portanto, como ‘resposta’ a essa necessidade. Na verdade, para muitos críticos literários a autoficção representa não um novo gênero, mas uma espécie de renovação do gênero autobiográfico, uma atualização visando a inseri-lo definitivamente no campo da arte e da literatura.

Ainda em relação à ambiguidade inerente ao novo gênero, citamos novamente Lejeune (tendo em mente o quadro⁵ que o autor constrói sobre os tipos de pactos de leitura firmados em narrativas homodiegéticas):

Em cada casa inscrevi o efeito produzido. Há duas casas ‘cegas’ que correspondem a casos ‘excluídos por definição’. Cego estava eu. Primeiro porque salta aos olhos que o quadro está malfeito. Para cada eixo, propus uma alternativa (romanesco/autobiográfico para o pacto; diferente/semelhante para o nome). Pensei na possibilidade de nem um nem outro, mas esqueci a possibilidade de um e outro ao mesmo tempo! Aceitei a indeterminação, mas recusei a ambiguidade. (LEJEUNE, 2014, pg. 68)

Quanto às casas vazias de Lejeune, Gasparini comenta como elas impactaram na definição primeira de autoficção cunhada por Doubrovsky:

Serge Doubrovsky leu *Le Pacte Autobiographique* quando escrevia *Le monstre*, que se tornou *Fils*. E percebeu que sua própria prática narrativa se inscrevia numa casa vazia da teoria dos gêneros que Philippe Lejeune buscava estabelecer para distinguir a autobiografia do romance autobiográfico. (GASPARINI, 2014, p. 185).

É ainda Gasparini que avalia a distinção que Doubrovsky faz entre autobiografia, romance e autoficção: “Nem uma, nem outro, a autoficção trata também de uma e de outro

⁵ “Em seu *O Pacto Autobiográfico* (1975), Lejeune cruza dois parâmetros que vão servir para classificar as narrativas em primeira pessoa: a identidade onomástica entre o autor e o personagem, de uma parte, e a explicitação em zona peritextual de um contrato de leitura autobiográfica ou romanesca, de outra parte” (ZUFFEREY, 2012, nossa tradução). **Texto original:** Dans son *Pacte autobiographique* (1975), Lejeune croise deux paramètres devant servir à classer les récits en première personne: l’identité onomastique de l’auteur et du personnage, d’une part, et l’explicitation en zone péritextuelle d’un contrat de lecture autobiographique ou romanesque, d’autre part.

porque ela mobiliza simultaneamente a ‘escrita autobiográfica’, referencial, e o ‘poder poético da linguagem’, que problematiza a referência” (GASPARINI, 2008, p. 45, nossa tradução)⁶.

Assim, a matéria da autoficção é autobiográfica, mas a forma como essa matéria é elaborada é romanesca. Eis a faceta híbrida do conceito. A identidade onomástica autor/narrador/personagem, subjacente ao pacto autobiográfico, assegura a participação da autoficção na ‘realidade’ mais do que o pacto romanesco, que a tornaria ‘ficção’ pura e simples. Mas o pacto romanesco permanece presente também, desde que a autoficção tenha o subtítulo de *romance*, segundo o Doubrovsky das primeiras definições. Em *Autobiographie/vérité/psychanalyse*, de 1980, o escritor afirma:

Eu inscrevi ‘romance’ como subtítulo na capa, fundando assim um pacto romanesco para comprovação da ficcionalidade simplesmente porque eu estava constrangido, apesar da insistência incessante da referência histórica e pessoal. [...] Não somente autor e personagem tinham a mesma identidade, mas o narrador igualmente: em uma boa e escrupulosa autobiografia, todos os fatos e gestos da narrativa são literalmente tirados de minha própria vida: lugares e datas são totalmente verificáveis. (DOUBROVSKY, 1980, p. 89, nossa tradução)⁷

Cumpramos brevemente os diferentes pactos⁸ explorados por Lejeune que, de certa forma, são mobilizados nas definições de autoficção. Em *O Pacto Autobiográfico*, ele considera três tipos de pacto a serem seguidos pelo leitor: o pacto autobiográfico, o pacto romanesco e o pacto zero. O pacto autobiográfico se assenta na premissa da homonímia entre autor-narrador-personagem. Já o pacto romanesco é aquele em que a natureza fictícia do livro está indicada na página do título e a narração autodiegética é atribuída a um narrador fictício. O pacto zero é o pacto indeterminado em que não só o personagem não tem nome, como o

⁶ Ni l’une ni l’autre, l’autofiction relève aussi de l’une et de l’autre puisqu’elle mobilise simultanément ‘l’écriture autobiographique’, référentielle, et ‘le pouvoir poétique du langage’ qui problématise la référence.

⁷ J’ai inscrit « roman » en sous-titre sur la couverture, fondant ainsi un pacte romanesque par attestation de fictivité, simplement parce que je m’y suis trouvé contraint, malgré l’insistance inlassable de la référence historique et personnelle. [...] Non seulement auteur et personnage ont la même identité, mais le narrateur également : en bonne et scrupuleuse autobiographie, tous les faits et gestes du récit sont littéralement tirés de ma propre vie ; lieux et dates ont été maniaquement vérifiés

⁸ Ainda com referência a pactos de leitura, Hélène Jaccomard (1993) considera que o pacto típico da autoficção é o pacto oximórico, que preconiza a coexistência dos pactos autobiográfico e romanesco em uma mesma obra, simultaneamente.

autor não propõe nenhum tipo de pacto, nem o autobiográfico, nem o romanesco (LEJEUNE, 2014).

Voltando ao criador do neologismo autoficção, ainda no artigo intitulado *Autobiographie/vérité/psychanalyse*, de 1980, retomado mais tarde, em 1988, em *Autobiographies, de Corneille a Sartre*, Doubrovsky propõe uma nova formulação para definir a autoficção: “A autoficção, essa ficção que eu decidi, como escritor, dar de mim para mim, incorpora, ao sentido pleno do termo, a experiência da análise não somente na temática, mas na produção do texto” (Doubrovsky, 1988, p. 77, nossa tradução)⁹.

É essa dupla dicção – temática e textual – que também confere ambivalência à autoficção. Ela deve ser lida como romance, mesmo que não cumpra o regramento do pacto romanesco. Ela é uma escrita do presente, mesmo que o tempo da autobiografia, da qual deriva, seja o tempo passado. Por fim, a ‘aventura da linguagem’, presente na primeira definição de Doubrovsky, será garantida pela estrutura fragmentária do texto, simbolizando a fragmentação da memória e do tempo:

Uma variante pós-moderna da autobiografia na medida em que ela não acredita mais numa verdade literal, numa referência indubitável, num discurso histórico coerente e se sabe reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória (DOUBROVSKY *apud* VILAIN, 2005, p. 212).

A matéria primeira da produção autoficcional de Doubrovsky é o real, no qual ele opera, pela escritura e pelo sistema de enunciação, a ficcionalização de si. Ele explica assim esta reconstrução literária implementada em seu romance *Fils*: “Nesse livro, tudo é verdadeiro, **mas restaurado pelo trabalho de escrita**. O famoso dia de 24 horas é inteiramente fictício, é claro, mas os fatos que o alimentam são verdadeiros” (Doubrovsky *apud* Chemin, 2013). A autoficção seria, então, uma reconstrução literária de sua vida. Para o autor, importa a existência imaginária do homem, e não, sua biografia estrita.

⁹ L'autofiction, c'est la fiction que j'ai décidé, em tant qu'écrivain, de me donner de moi-même e par moi-même, em y incorporant, au sens plein du terme, l'expérience de l'analyse, non point seulement dans la thématique, mais dans la production du texte.

Uma das chaves de leitura da autoficção é exatamente a ficcionalização de si. Na autobiografia, não temos, em princípio, essa ficcionalização. No romance, por outro lado, temos a ficcionalização, mas não do eu que atua na obra. Note-se que a expressão ‘reconstrução literária’ condiz com a faceta ficcional existente na autoficção. Assim Doubrovsky justifica a ‘escolha’ pela ficcionalização de si, representação artística da fragmentação do sujeito contemporâneo:

A narração não é uma cópia, ela é recriação de uma existência através das palavras, reinvenção da linguagem pelo Eu do discurso e seus Eus sucessivos. Por isso, é o modo ou modelo de narração que molda a “nossa” vida. A autobiografia clássica, segundo a fórmula de Jean Starobinski, é a biografia de uma pessoa feita por ela mesma. Ela será, portanto, cronológica e lógica, e se esforçará, apesar das inevitáveis lacunas da memória, para seguir o curso de uma vida, empenhando-se em esclarecê-la através da reflexão e da introspecção. Pessoalmente, favoreci uma outra abordagem; meu modo ou modelo narrativo passou da HISTÓRIA para o ROMANCE. A própria concepção do sujeito mudou. De unidade através da narrativa, ele se tornou quebrado, dividido, fragmentado, em caso extremo, incoerente (DOUBROVSKY, 2011, p. 22, nossa tradução).¹⁰

Doubrovsky, nessa passagem, revela que a fragmentação do sujeito contemporâneo corresponde a fragmentação do discurso autoficcional. Aqui a noção de que a autoficção seria uma renovação pós-moderna da autobiografia faz todo o sentido. Aos aspectos lógico e cronológico da autobiografia, a autoficção responde com o emprego de diversas estratégias discursivas próprias da literatura e tomadas por empréstimo da psicanálise:

No meu caso particular, a escrita autoficcional abole a estrutura narrativa linear, rompe com a sintaxe clássica, substituindo-a por um encadeamento de palavras por consonância, assonância ou dissonância; a frase é sempre guiada, construída, em uma sucessão de parônimos, vírgulas, pontos, espaços vazios, eventual desaparecimento de toda sintaxe, associações de

¹⁰ La narration n'est pas une copie, elle est récréation d'une existence dans les mots, réinvention langagière par le Je du discours e ses Moi successifs. Dès lors c'est le mode ou modèle de la narration qui façonne “notre” vie. L'autobiographie classique, selon la formule de Jean Starobinski, est la biographie d'une personne faite par elle-même. Elle sera donc chronologique et logique, elle s'efforcera, malgré les lacunes inévitables de la mémoire, de suivre le déroulement d'une vie en tâchant de éclairer par la réflexion et l'introspection. Personnellement, j'ai favorisé une autre approche, mon mode ou modèle narratif est passé de l'HISTOIRE au ROMAN. La conception même du sujet a changé. D'unité à travers le récit, il est devenu brisé, morcelé, fragmentaire, à la limite incohérent.

palavras como as associações livres existentes na psicanálise. A escrita tenta traduzir a fragmentação, a quebra do eu, a impossibilidade de encontrá-lo numa bela unidade harmoniosa. Nesse surgimento inesperado de palavras e de pensamentos desconexos revela-se uma alteridade fundamental do sujeito ao longo do tempo. (DOUBROVSKY, 2011, p. 26, nossa tradução).¹¹

Em relação à alteridade, é preciso destacar quando ela é mencionada no discurso doubrovskyano sobre a fragmentação do eu e sobre a ‘aventura da linguagem’: *Nesse surgimento inesperado de palavras e de pensamentos desconexos revela-se uma alteridade fundamental do sujeito ao longo do tempo.* A presença do outro baliza a fragmentação do eu, já que o outro não é apenas **um** outro, mas **vários** outros ao longo da ‘aventura da vida’, com os quais o autor/narrador/personagem vai agir e interagir, buscando a construção de si.

Em momento recente (2010), Doubrovsky afirmou:

Não percebo, de modo algum, minha vida como um todo, mas como fragmentos esparsos, níveis de existência partidos, frases soltas, não coincidências sucessivas, ou até simultâneas. É isso que preciso escrever. O gosto íntimo da existência, e não sua impossível história. (DOUBROVSKY, 2014, p. 123).

A intenção de Doubrovsky, ao cunhar o termo autoficção, é menos a de definir um novo gênero literário que a de definir a sua própria literatura. Não é só a fusão da forma narrativa ficcional com a forma narrativa autobiográfica, mas também a fragmentação do sujeito e da vida contemporâneos que de certa forma delimitam forma e conteúdo autoficcionais.

A autoficção é um discurso híbrido, uma mistura de gêneros literários (romance e autobiografia), de gêneros textuais (ensaio) e do discurso psicanalítico, toda essa mistura sendo viabilizada por um trabalho lúdico e engenhoso com a língua. Em relação à autoficção,

¹¹ Dans mon cas particulier, l'écriture autofictionnelle abolit la structure narrative linéaire, concasse la syntaxe classique, lui substitue un enchaînement des mots par consonance, assonance ou dissonance, la phrase est toujours guidée, construite en une succession de paronymes, des virgules, des points, des blancs, disparition parfois de toute syntaxe, des associations de mots comme il y a des associations libres en psychanalyse. L'écriture tente de rendre la fragmentation, la brisure du moi, l'impossibilité de le retrouver dans une belle unité harmonieuse. Dans ce surgissement inattendu de mots et de pensées déconnectés se révèle une altérité fondamentale du sujet dans la durée.

Dobrovsky desenvolve o que denomina de ‘escritura consonântica’, ‘sintaxe do descontínuo’ e ‘discurso quebrado’:

Trata-se do uso de efeitos sonoros e singularidades gráficas, que se articulam em meio a assimetrias na distribuição das frases na página escrita, entre lacunas e vazios. Na dialética vazio-pleno, o leitor deve realizar os nexos entre os diversos níveis de registro de memória, e construir, junto com o autor, a imagem do protagonista – esse ser que se multiplica pelo texto, proliferando-se, exaltando-se, e ressoando em eco a si mesmo. A autoficção, assim, é uma obra sobre si, vários “sis”, em eco a si (NOGUEIRA, 2016).

REFERÊNCIAS

CHEMIN, Anne. *Fils, père de l'autofiction*, *Le Monde*, 18/07/2013.

http://www.lemonde.fr/culture/article/2013/07/18/filspere-de-l-autofiction_3449667_3246.html

COLLINS, Maxime. **Autobiographie, autofiction et ‘Roman du Je’**. Montréal, Québec, Université McGill, 2010.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils: roman**. Paris: Éditions Galilée, 1977

_____. *Autobiographie/Vérité/Psychanalyse*, *L'Esprit créateur*, XX, N°3, 1980.

_____. **Autobiographies: de Corneille à Sartre**. Collection Perspectives Critiques. Paris: PUF, 1988.

_____. *C'est fini*. Entretien réalisé par Isabelle Grell. In: FOREST, Philippe. **La Nouvelle Revue Française**. Je & Moi. Paris: Gallimard, n° 598, 2011.

_____. *O último eu*. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.) **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GASPARINI, Philippe. **Autofiction**. Une aventure du langage. Paris: Seuil. Coll. Poétique, 2008.

_____. *Autoficção é o nome de quê?* In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.) **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

JACCOMARD, H el ene. **Lecteur et lecture dans l'autobiographie française contemporaine**: Violette Leduc, Françoise d'Eaubonne, Serge Doubrovsky, Marguerite Yourcenar. Genebra: Librairie Droz, 1993.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
_____. *Autofic es & Cia. Peça em cinco atos*. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.) **Ensaio sobre a autofic o**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

NOGUEIRA, Luciana Persice. **A autofic o de S. Doubrovsky e o registro da memória de si**: obra em si bemol. *Anéis XV ABRALIC*, 2016.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Entrevista com Philippe Lejeune. **Ipotesi – Revista de Estudos Literários**, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 6, n. 2, 2002.

VILAIN, Philippe. **D fense de Narcisse**. Paris: Grasset, 2005.

ZUFFEREY, Jo l. Qu'est-ce que l'autofiction? In: Avant-propos de **L'Autofiction: variations génériques et discursives**, Academia, Collection "Au coeur des textes", Université de Lausanne, 2012.